O Maquinário do Desprezo

JOÃO VITTOR GOMES FIRMO

intransitiva
revista

BRAZIL CORE, NÃO. BRASILIDADE! (V.9, N.1) 2026

O Maquinário do Desprezo

João Vittor Gomes Firmo

Me sinto enternecido ao transpassar pelas inúmeras ruas do Rio. Entendê-lo, eu não consigo. Durante a caminhada, de súbito, me vi pensando nisto, intrigado: "Como pode ser considerada essa 'Cidade maravilhosa/Cheia de encantos mil'[1] apenas para um seletíssimo grupo enquanto centenas de milhares de famílias se enquadram nas estatísticas do cenário de extrema vulnerabilidade social?".

Era uma tarde de sábado quando, ao sair da estação de metrô do Largo do Machado, o choque de realidade ressignificou o cenário de *mundo ideal, sem assimetrias*, que eu tanto cria existir: sob papelões, algumas garrafas d'água, quentinhas amassadas e pouquíssimos travesseiros, grupos de moradores observavam — deitados ao chão repleto de pedras, vidros e asfaltos desfalcados —, com melancolia, a lenta passagem de cada centésimo do tempo, ao passo que outros andavam, próximos ao sinal, sem rumo aparente.

O simples existir proporciona medo a quem direciona, para todos eles, o que Georg Simmel, uma vez, denominou como "atitude *blasé*": com pulseiras e cordões revestidos a ouro, mochilas e bolsas cujas marcas remontam a produtoras internacionais, óculos de sol e sapatos permeados de couro, Aquelas Pessoas[2] dirigiam, a eles, um olhar *nem sempre* indiferente, mas demarcador de uma barreira invisível e, paradoxalmente, existente — como uma espécie de transmissor desta mensagem supressiva: *você não é igual a mim*.

O *maquinário do desprezo* é o fator intensificador da exclusão e da desumanização do *Outro*. É uma ferida focalizada, sobretudo, em quem já possa ter perdido o que consideramos *tudo* — as perspectivas, os sonhos, as esperanças e o amanhã —, mas também em quem anseia, mesmo pouco a pouco, a cada hoje, transformar este conjunto de panoramas. Um fato, diante de tudo isso, se materializa: nos frustramos ao lidarmos com o *engessamento de todas as coisas*, com a permanência da desigualdade, com a invisibilização que circunscreve não somente essa cidade.

As palavras e as segregações cortantes, embora não a mim endereçadas, me paralisaram os sentidos. No momento em que aguardava o fechamento do semáforo e a posterior indicação para prosseguir a andança, fui, imediatamente, transposto a outro episódio *quase semelhante*.

No Centro de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, com os olhos fixos nas faíscas reluzentes do solo acinzentado pelo ir e vir dos calçados dos inúmeros transeuntes apressados, um cidadão, segurando vividamente as escassas moedas de bronze em suas mãos — estas estavam doloridas e ressecadas devido ao forte calor no município —, enfrentou, taciturno, cada entejo e descrença. À progressão dos minutos, em demonstração de cansaço, ele inclinou as costas às paredes revestidas, apenas, por tintas desbotadas, as quais sinalizam uma construção em meio ao desgaste das décadas. O seu olhar, distante e expressivo — resultante da dor sentida, diretamente, ao coração —, parecia traduzir os pensamentos chorosos nesta frase: *como eu gostaria de ter uma casa...*

Algumas vezes, a disposição arquitetônica da urbe se comunica conosco por intermédio de tristes antíteses: a alguns metros da cena descrita, está localizada uma expoente igreja, de onde vêm e vão muitos fiéis. A presença de carros ilustres à entrada contrasta, de forma incisiva, o cenário de falta atinente aos territórios habitados no entorno. Todos parecem habituados à maresia de vozes quase não-audíveis devido à fome e aos *destratamentos*

Ilustração de Marcus Homsi

recebidos, estabelecendo, desse modo, consonância com os múltiplos *nãos* proferidos sem olhar a quem, como um sequenciamento da linearidade da falta de gentileza e do tangenciamento do amar "o seu próximo como a si mesmo" (Mateus 22:39).[3]

Retornando à minha casa, os sapatos são retirados dos pés e colocados no guardador. Reencontrei, ao fim do dia, os meus familiares, que prepararam uma linda recepção: me deparei com um vasto jantar, acompanhado por diversas frutas, legumes e sucos, além de prosas que versaram sobre diferentes prismas de alegrias — como "No meu emprego, hoje, recebi uma promoção" e "Amanhã, bem cedinho, viajarei a trabalho". Constato, submerso ao lastimoso silêncio, como *os dias não são os mesmos para todos...* Enquanto isso, um repentino temporal e uma frente fria marcam presença lá fora. *Até quando será assim?*

---

[1] Fragmento de uma famosa marchinha de Carnaval intitulada "Cidade maravilhosa", cuja composição foi realizada por André Filho na primeira metade do século XX, em 1934. Disponível em: https://www.letras.mus.br/marchinhas-de-carnaval/497940/. Acesso em: 17 jul. 2025.

[2] Uma homenagem e uma referência gentis ao inesquecível escritor Caio Fernando Abreu (1948-1996), quem, no conto "Transformações" — constituinte da obra Morangos mofados (2015) —, nomeou uma das personagens como "Outra Pessoa" (Abreu, 2015, p. 108).

[3] Versículo bíblico disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/mateus_22_37-39/. Acesso em: 17 jul. 2025.

Sobre o autor

Durante a trajetória pelo universo literário, João Vittor Gomes Firmo — poeta, contista, cronista e *haijin* — possui o objetivo de construir, fundamentalmente, na materialidade dos versos e da prosa, reflexões quanto à sensibilidade do "eu" perante a (des)linearidade dos eventos circunscritos ao dia a dia. No presente instante, o escritor é Mestrando em Língua Portuguesa no Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLEV/UFRJ) — instituição pela qual tornou-se, também, Licenciado em Letras: Português/Literaturas.